



## “Além do óbvio”: a prática jornalística da crônica futebolística a partir da *Trivela*<sup>1</sup>

Luiz Henrique Zart<sup>2</sup>.

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

**Resumo:** Este estudo pretende analisar a prática jornalística da *Trivela* compreendendo a crônica como possibilidade, espaço de enunciação híbrida; um gênero enunciativo pertencente ao jornalismo literário, elemento diáfano, translúcido e fronteiro capaz de enriquecer as narrativas do jornalismo esportivo, mesmo na internet, de forma subjetiva e analítica. Elemento transitório e interdiscursivo que mergulha no imaginável/sensível, funciona como a materialização do real/acontecido/imaginado. Por meio de um questionário, a partir de entrevistas com três editores da publicação, apesar das dificuldades na rotina produtiva, notou-se na *Trivela* a proposta de contextualização, aprofundamento, cobertura editorializada, com o jornalista como contador de histórias que analisa nem tanto o jogo, mas o que ele provoca, com textos de fôlego, reportagens e crônicas como recursos.

**Palavras-chave:** Crônica; Jornalismo Esportivo; Jornalismo Literário; *Trivela*.

### 1 Sobre a crônica futebolística brasileira

Se o jornalismo literário é “como um termo bastante amplo que abarca um conjunto diverso de gêneros enunciativos situados na fronteira entre jornalismo e literatura”, como argumenta Passos (2014 apud idem, 2017, 86), neste sentido, a crônica se posiciona como uma narrativa híbrida: elemento diáfano e fronteiro. É um gênero que está tanto entre as tipologias tradicionais da imprensa quanto nas classificações usuais da literatura, sem que isto represente um problema, como pontua Borges (2013). Não chega a ser cobrada para que seja factual e noticiosa, tanto quanto não enquadra-se to-

---

<sup>1</sup> Adaptação da monografia do autor: “Além do óbvio: *Trivela* e o jornalista esportivo a partir do modelo interpretativo-literário”.

<sup>2</sup> Jornalista, graduado pela Uniplac e professor na mesma instituição, cursa especialização em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Araraquara (UNIARA) e integra a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (RENAMI/SBPJor). E-mail: luizhenriquezart@hotmail.com.

talmente no campo literário por sua ligação com a imprensa, conservando sua alteridade. Sobre isso, Marques de Melo:

[...] estabelece que foi com o “sentido de relato histórico que a crônica chegou ao jornalismo” e que ela é “o embrião da reportagem” (2003, p. 149). Sua mudança de estatuto ao longo do tempo foi um dos sintomas das modificações pelas quais o jornalismo passou nos séculos XIX e XX. “Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente como ‘deixa’ ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpação e a agilidade de um jornalismo em mutação” (Marques de Melo, 2003, p. 155). Segundo o autor, a crônica é um texto que passa a atuar na “consciência poética da atualidade” e que, em sua feição moderna, transforma-se num “gênero eminentemente jornalístico”, cujas principais características seriam “fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém relação com o que está ocorrendo” e a crítica social (MARQUES DE MELO, 2003, p. 160 apud BORGES, 2013, p. 257-258).

Carlos Drummond de Andrade disse certa vez: “bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura” (VILAS BOAS, 2005, p. 13). Estava certo. A discussão sobre a crônica, que mescla entre as estratégias narrativas jornalísticas e literárias, é “tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha” (VERISSIMO, 1994, p. 3-4 apud VIANA, 2013, p. 68). Uma das maneiras pelas quais os relatos transpõem a matéria da realidade à da imprensa, a crônica consegue abarcar a dinâmica do futebol enquanto manifestação culturalmente representativa, retratando o cotidiano e sendo jornalisticamente factível – no âmbito especializado e esportivo, também na internet. Importa muito que seu fio condutor seja uma boa história:

[...] Num trabalho de moldagem, adaptação e simbiose único, a crônica encontrou espaço na imprensa, mesmo depois que esta foi deslitterarizada, sem abdicar de sua vocação onírica. “O que se pode dizer, de uma forma bem genérica, é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia” (Coelho, 2002, p. 156). É um paroxismo proposital, incentivado e que agrada os leitores. Sua conotação, marcadamente literária, no entanto, não lhe retira a credibilidade. Ela se coloca em outro espaço, diferente até daquele ocupado pelo Jornalismo Literário. Sua permissão é mais vasta porque goza de liberdade plena para variar do informativo ao imaginativo sem prestar contas dessa transição, sendo uma mudança natural (BORGES, 2013, p. 258-259).

Kotscho (2004, p. 18) questiona: será que o leitor não tem direito de, “entre uma e outra desgraça, encontrar uma boa história, conhecer a vida de uma figura que não é político nem empresário, e que precisa de espaço para ser contada?”. A crônica esportiva dá pausa à série de tragédias e catástrofes que se sucedem – ou dá a elas o tratamento adequado. Um dos motivos para “a gratuidade dos temas e do texto. Podemos dizer que a crônica, ao apresentar seu texto como ‘inútil’, feito apenas para o deleite, sem qualquer eficiência, produtividade ou rentabilidade” (VIANA, 2013, p. 32). Este gênero textual-jornalístico, da particularidade e do despercebido, como propõe Carlos Heitor Cony (apud ibidem, p. 13), tem uma certeza “inabalável” de que a literatura “tende a ser, perene, atemporal”: “se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta”.

Desde o período, na passagem de Colônia para Império, no final do século XIX e início do século XX, muitos críticos de literatura e escritores não consideravam a crônica como gênero – algo que só veio depois de 1922, com a explosão do movimento modernista (VIANA, 2013). Com isso, começou a desenvolver-se a ideia de que a crônica é algo tipicamente brasileiro que, nas palavras de Antônio Candido (1992, p. 15 apud ibidem, p. 13), “pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”. Interessa ressaltar: a crônica esportiva de futebol ganha força por aqui junto com o próprio esporte, de 1930 a 1950, quando da realização da primeira Copa do Mundo em território brasileiro.

Do período inicial, há uma tendência: a de retratar, junto ao ambiente, o personagem; em um jogo, o atleta e suas características, mais que a própria partida – ou como um vetor representante dos significados dela, algo perceptível nos escritos de Nelson Rodrigues e Mário Filho, autores de narrativas entre o melancólico e o romântico na cobertura dos jogos de futebol. Ainda em relação à linguagem utilizada no estilo literário da crônica futebolística, para Viana (idem, p. 55) há duas rupturas representativas: a primeira no modernismo, “com a quebra de padrões rígidos, e a segunda a partir da década de 1940, quando a imprensa se profissionalizava e o cronista de futebol passava a assumir papel de destaque nos jornais” (ibidem, p. 55).

De certa forma, a crônica sofreu os mesmos processos evolutivos – se assim se pode chamar – e críticas que o jornalismo literário em seus primórdios. Os folhetins e os “romances em fatias” fizeram o gênero popularizar-se a partir da publicação em série em jornais e revistas. Para Viana (2013, p. 28), o cronista folhetinesco orientava sua atividade criadora a partir do binômio informação/opinião. Ao mesmo tempo em que orientava certos significados aos fatos que passavam pelo seu filtro, o cotidiano “por intermédio da subjetividade do texto, compunha uma narrativa sedutora, manipulando o fato, transformando-o em matéria literária. Assim, enquanto o jornalismo sublinhava o real, a crônica proporcionava sua recriação artística”. Como narrativas de futebol – prática tida por muitos analistas como artística, este tipo de texto, abordando o jogo:

[...] possibilita, com velocidade e progressão na narrativa, causar um efeito de sentido da “presença”. Por outro lado, quando o texto é analítico, causa o efeito contrário, ou seja, o sentido da “ausência”. Por isso é que se dá a emblematização do literário no acontecimento. Isto é, o enunciado fica vinculado ao tempo, carregando consigo não só a objetividade do acontecimento, mas também toda a figuratividade que o autor conferiu ao texto (ibidem, p. 49).

Obviamente, o jornalista não é uma máquina fotográfica, é um ser humano: para estar em contato com a narrativa futebolística, precisa sentir. Analisar o jogo. Interpretar a torcida. Como indica o mesmo pesquisador, o narrador, cronista, jornalista, tem sensações do espaço e do tempo transposta para uma espécie de “momento da obra”, “por meio de elementos de uma arte universal e atemporal, a literatura”. Cumprindo as condições literárias, nas crônicas futebolísticas, “os autores/narradores, ao se transformarem em outro (leitor), saem do espaço da enunciação (eu/aqui/agora) e transportam-se para o espaço da enunciação (ele/lá/então), criando as condições que estamos chamando de humanizantes”. Saindo da suposta impessoalidade do texto jornalístico, o autor torna-se um enunciador da história e, através disso, dá pitadas de humanização ao texto – ou seja, transporta o público ao seu local de enunciação e dá “a impressão de estarmos vivenciando as sensações das narrativas escolhidas. É como ser o leitor estivesse lá” (VIANA, 2013, p. 48).

O “defeito crônico” da crônica é se sujeitar ao todo-transitório e à leveza trazidos pelo jornalismo, quando procura, de acordo com Viana (idem, p. 25), “desentranhar

o perene da sucessão anódina de acontecimentos diários [...]”. Assim, é possível estabelecer a distinção de Sodré e Ferrari (1986, p. 94) entre a simples reportagem e a crônica: a primeira mostra fatos e “faz com que o olho do leitor penetre, através do repórter, em espaços desconhecidos; a segunda não pretende que o leitor apenas veja os fatos: quer fazer enxergar o que está por trás deles”. A crônica, assim, é um gênero transitório, interdiscursivo (BORGES, 2013). Verissimo (2007, p. 125 apud ibidem, loc. cit.) pensa “que (a crônica) é um gênero plebeu com pretensões a nobre ou um texto jornalístico com pretensões de ser literatura”. Por isso mesmo, é natural que se recorra em muitos casos à subjetividade, às impressões, à análise do autor, sem que abdique da informação. É um gênero “maleável”: pode recorrer à observação dos fatos e expô-los “simulando uma explanação ou comentário direto da opinião do narrador – ou, ainda, pelo derramamento subjetivo que reflete, misturando prosa e poesia” (VIANA, 2013, p. 25).

O cineasta italiano interessado por futebol Pier Paolo Pasolini (1971) definiu os textos futebolísticos entre: a) futebol-prosa: “baseado no encadeamento lógico de jogadas”; b) futebol-poesia, com a “preponderância de jogadas imponderáveis, que destroem e reorganizam o jogo [...], exemplificados, respectivamente, pelo jogo europeu (teleológico) e o sul-americano (imponderável)”. A crônica, argumenta Silva (1997, p. 30) é um espaço onde o futebol se vê livre, sem o apego à objetividade e a factualidade, ligando o texto e o acontecimento esportivo por um tom diferenciado que faz dela “um ser de certa forma estranho à linguagem de seu veículo”, inicialmente o jornal impresso.

O texto da crônica, literário, mergulha no imaginário/sensível. Quando se coloca no ambiente esportivo, “funciona como a materialização do real/acontecido/imaginado. Assim, constrói-se no leitor um sentido que, apesar de instantâneo, é também reflexivo e apaixonado” (VIANA, 2013, p. 72). Os textos que borram a fronteira entre o jornalismo e a literatura, como a crônica, podem mesclar gêneros: têm traços de artigo, um relato pessoal e a análise jornalística, indica Viana (idem). Nas palavras de Machado de Assis, significa “catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz”. Ele prossegue: “Eu apertei os meus olhos para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam” [Assis apud Antonio, 2006, p. 437-8] (ibidem, p. 69). Neste sentido, vale observar a *Trivela*, a partir da proposta de enriquecer suas narrativas, que não domina a



bola de canela; é um intérprete do mundo, um contador de histórias por meio do jornalismo esportivo.

## 2 Além do óbvio: o caso *Trivela*

Wisnik (2008, p. 14) aponta que toda partida de futebol tem umas frases poéticas, outras prosaicas. Assim, se a “prosa pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a poesia, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo”, até “a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana”. Para retratar este momento e ilustrar o objeto de estudo, é importante afirmar: não é qualquer perna-de-pau que consegue meter uma “trivela”. No jornalismo não é diferente. Neste sentido, com a expansão da internet comercial e a necessidade de iniciativas diferenciadas que abordassem futebol internacional na imprensa brasileira, em 1998, Cassiano Ricardo Gobbet, Tomaz Rodrigo Alves e Martim Silveira criaram o site *Trivela*. Uma revista de viés alternativo que, para Coelho (2004, p. 51), era um site onde “fanáticos por futebol sem lugar na grande imprensa conseguem expor suas ideias”. Hoje, o site da *Trivela* conta com três jornalistas editores e sócios, além de um redator, direto da França. No início, era um fanzine<sup>3</sup> de futebol europeu e, desde 2005, tem uma redação dedicada em tempo integral.

Silva (2015, p. 74) diz que em setembro do mesmo ano, foi publicada, como um tipo de protótipo, a primeira edição da revista *Trivela*. Era um Guia da Liga dos Campeões 2005/2006. Já em fevereiro do ano seguinte, saiu outra edição da revista, que passou a ser mensal, editada pela Trivela Comunicações, chamando-se *Copa '06*, segmentação impressa do site para cobrir a Copa do Mundo da Alemanha. Na sexta edição, passou a se chamar *Trivela*. Como publicação especializada em futebol, tinha a companhia da revista *Placar*, e foi veiculada até setembro de 2009, em 43 edições (SILVA, 2015). Retornando à internet, o site, que corria sempre em paralelo, absorveu o conteúdo da revista e, a partir de 2013, voltou-se de maneira ainda mais assertiva às análises e

---

<sup>3</sup> Em resumo, fanzines são publicações artesanais independentes produzidas sem fins comerciais para disseminar informação sobre temas pelos quais os editores são apaixonados, a baixo custo e baixa tiragem.

interpretações a respeito do mundo do futebol. Inclusive, com a produção de materiais especiais, não apenas aqueles de foco estritamente noticioso (SOBRE, s/d., online). *Trivela* tem ainda espaço de divulgação nas mídias sociais: Twitter, Facebook, Instagram e YouTube, e um podcast, produzido em parceria com a Central3.

Dentre as estratégias narrativas da publicação, “grande parte das matérias constitui análises profundas de partidas e atuações de jogadores. Em alguns casos, as reportagens podem ser consideradas atemporais, podendo ser lidas não necessariamente antes ou depois do jogo” (FRANGE, 2016, p. 106-107). Outro recurso muito utilizado é o da perspectiva e resgate históricos na construção de sentidos – seja pela coincidência de data ou pela ligação com os acontecimentos do cotidiano.

Considerando o jornalismo esportivo praticado na web, *Trivela* deixa de lado, na medida do possível, a pressa – colocando como premissa primeira não a veiculação do conteúdo *mais veloz*, mas do *melhor* que possa ser oferecido ao público em enfoque, enquadramento, detalhamento; enfim, em abordagem: “textos mais longos, diferentes das notas tradicionais, que caberiam muito bem em uma revista, até pelo formato mais literário da escrita, que não precisa ser tão direta e concisa”, ressalta Frange (idem, loc. cit.). A prática do jornalismo na internet e o uso de recursos narrativos como a crônica, que se colocam na tênue e translúcida fronteira entre jornalismo e literatura podem ser vistas de forma mais pontual a partir dos olhares de quem faz a *Trivela*: os jornalistas.

### **3 De três dedos: as entrevistas com os editores**

Como parte derradeira desta pesquisa, a escolha foi por fazer o que os jogadores de qualquer time fazem quando têm um craque, daqueles camisas 10, no time: é mandar a bola nele e esperar para que saia algo. Pensando nesta perspectiva, a análise se baseia na construção de uma espécie de texto corrido – amparado por um questionário, composto originalmente por 15 perguntas. O contato foi feito com os editores: Felipe Lobo, Leandro Stein e Bruno Bonsanti<sup>4</sup>, por e-mail<sup>5</sup>, em uma terça-feira, 25 de fevereiro de

---

<sup>4</sup> Na pesquisa original, há a íntegra das três entrevistas, realizadas em 2020. Para evitar repetições excessivas, consultar referências.

<sup>5</sup> O contato foi feito pelo endereço contato@trivela.com.

2020<sup>6</sup>. Os três têm contribuições na *Trivela* desde 2009, 2011 e 2013 (variando funções), respectivamente. Entre o fim de 2016 e o começo de 2017 – com datas divergentes –, todos se tornaram sócios e editores.

**Figura 1:** Felipe Lobo, Leandro Stein e Bruno Bonsanti, editores da *Trivela*



Fonte: Reprodução/Facebook<sup>7</sup>.

Apesar de pensarem que “além do óbvio” é um lema um tanto pedante, soberbo, ou pretensioso demais, os editores decidiram mantê-lo, ao menos por enquanto, por falta de consenso – com a menção retirada em certos espaços. No entanto, como diz Bonsanti, o que tentam, mas nem sempre conseguem fazer – pela falta de recursos para longas apurações ou para sair à frente de outras publicações –, é apresentar ângulos diferentes das histórias. “Tentamos aprofundar o noticiário quente, relacionando-o com fatos do presente ou do passado, analisando as implicações do que aconteceu, contextualizando o melhor possível ou explicando por aquilo aconteceu”, explica.

De acordo com Lobo, a *Trivela* propõe uma cobertura editorializada, para estabelecer uma visão crítica sobre os acontecimentos. Se não é possível fugir das notícias, então o objetivo passa a ser a contextualização, algo além da simples informação, para que se forme um ponto de vista crítico. “Antes, a *Trivela* era além do óbvio porque a gente trazia a cobertura internacional que não existia; depois, passamos a dar a trazer mais do que a informação, mas a profundidade”. Sobretudo, para Stein, é preciso “concorrer pela qualidade, não pela quantidade”. O trabalho da *Trivela*, prossegue:

<sup>6</sup> Por questão de espaço, somente algumas perguntas foram evidenciadas.

<sup>7</sup> As fotos foram retiradas dos perfis pessoais dos editores no *Facebook*.



representar o futebol em suas mais diferentes faces e contar histórias nas quais ele aparece também como gancho a outras áreas do conhecimento. Acho que essa liberdade editorial, sem se prender necessariamente a temas que rendem mais cliques, é que ajuda a fazer a diferença. Podemos abordar assuntos mais populares, mas também há espaço para conteúdos mais densos e que atingirão uma parcela menor dos leitores. No entanto, isso ajuda com um nicho específico. Além do mais, tentamos incluir um conteúdo mais analítico, dentro das limitações de uma redação composta por apenas quatro pessoas, que acaba sufocada pelo tempo de apuração.

Ao buscar esta representação, os três editores do site concordam que o futebol é, além de um jogo, uma manifestação cultural. Bonsanti afirma que: “Talvez a mais importante do mundo pela capacidade de unir povos diferentes, classes sociais diferentes, pessoas diferentes, em torno de um mesmo assunto, um pouco que reflete tanto o pior quanto melhor da sociedade”. Para Lobo, também, não há dúvidas. A ideia de que o futebol vai além das quatro linhas durante apenas noventa minutos integra a visão daqueles que fazem a *Trivela*. Na equipe, há a convicção de que, assim como tantas outras manifestações culturais/artísticas, o futebol pode ser um elemento de transformação e de educação. Lobo exemplifica: “Acreditamos que o futebol é parte da sociedade e da cultura e, até por isso, reflete tudo que faz parte delas. É por isso que questões como machismo e homofobia são tão enraizados, porque fazem parte da sociedade”. Para Stein, é capaz de mobilizar “grupos de pessoas, pelas relações que constroem, pelo imaginário que incute”. Então, a partir disso, “o futebol se expande além de sua própria característica como jogo, em si. O mais legal não é aquilo que ocorre em campo, mas o que provoca”.

Caracterizando o profissional da imprensa como um mediador, contador de histórias, um intérprete do mundo na atualidade, os três partiram de premissas diferentes, mas nem tanto. Para Stein, “antes de mais nada, a função do jornalista deve ser informar”, atribuição muitas vezes esquecida, de acordo com o jornalista, em uma forma de fazer jornalismo que privilegia a opinião em detrimento da apuração – não apenas enquanto opção editorial ao que gera audiência, mas sobre os investimentos demandados para que o procedimento correto aconteça, em que “tudo deveria partir desse ponto primordial, em que o jornalista capta o que é importante, filtra e repassa ao público”.

Para Bonsanti, por outro lado, o jornalista é um contador de histórias com três funções essenciais, que, para ele, estão em ordem: coletar informações verdadeiras, apresentá-las ao público de forma didática e compreensível e “tentar construir a narrativa de uma maneira que capte a atenção do leitor/ouvinte/telespectador, que também o emocione, quando for o caso, além de informá-lo”. Tendo o jornalista como um contador de histórias, Lobo sustenta, “sem dúvidas”, que trabalha como um filtro, descartando a possibilidade da imparcialidade, uma vez que todos “possuem formação cultural e social que é inerente”. Para ele, por isso, a redação precisa ser diversa, contemplando “diferentes origens, seja em termos sociais, seja em termos étnicos e quantos mais forem possíveis”. Assim, a “narrativa que o jornalista vai trazer ao público se torna mais rica se puder trazer uma diversidade de visões e experiências não só da própria vida, mas do convívio e da edição de pessoas que possuem essa vivência na redação”.

Desta perspectiva, diante da identificação de traços de um jornalismo de tom interpretativo – aquele em que não é suficiente informar, mas o conteúdo não é opinativo (BELTRÃO, 1980; MARQUES DE MELO, 2003) –, Bonsanti e Stein, indicam que, na acepção da palavra, no processo produtivo da *Trivela* não há “grandes investimentos para uma apuração mais ampla, não conseguimos produzir conteúdo em grande fluxo e temos uma redação sobrecarregada, um dos caminhos é tentar ser mais explicativo para as informações apresentadas”, pontua. No fim das contas, para Bonsanti, a *Trivela* produz quatro tipos de conteúdo: “curadoria, a reprodução de entrevistas e histórias da imprensa internacional; análises dos fatos que ocorreram; conteúdos históricos, como efemérides e obituários; e o que chamamos de conteúdo próprio, pautas originais que tentamos desenvolver”.

Neste sentido, Lobo complementa que a busca é por conteúdos que a redação acredita serem mais importantes, como trazer biografias de jogadores que fazem aniversário, “de nascimento ou de morte, ou mesmo aqueles que encerram a carreira. Acharmos importante trazer conteúdos explicativos, completos”, observa. Na intenção de interpretar, Lobo ressalta a proposta de trazer ao site conteúdo editorializado: “porque acreditamos que a informação, por si só, é facilmente encontrada atualmente – algo que não era comum quando começamos e praticamente nadávamos sozinhos nas águas do futebol internacional”. Para ter uma posição neste ambiente, *Trivela* oferece contexto e

uma visão crítica o que, para Lobo, não deve refletir em uma visão “certa ou errada”, apenas na visão dos componentes da equipe do site, abertos às críticas do público e à autoanálise. Afinal, como coloca Lobo, o site se propõe a, “também, em temos de excesso de informação, desmistificar algumas coisas que estão cristalizadas como verdade, mas não são”. Isso se justifica porque: “o mundo muda, os contextos mudam e nós temos que mudar também. Quem nunca muda pode até ser coerente, mas é provavelmente um idiota”, acredita.

Na rotina produtiva, entre pauta, pesquisa, redação, e todo o processo de construção dos materiais veiculados na *Trivela*. Stein concorda com Bonsanti, que acredita que o dia a dia na redação é “menos organizado do que deveria ser” – também em uma espécie de autoanálise. Segundo o último membro a compor o quadro de jornalistas da equipe, pode-se dizer que o site fica “aberto” entre 9h e 0h. A rotina da equipe é agitada, o que leva à tentativa constante de planejamento e organização. Como são apenas quatro jornalistas, sempre alguém está trabalhando, ressalta Lobo: com destaque às pautas “frias”, há pesquisa prévia para definição e divisão do conteúdo; o planejamento semanal e, em muitos casos, o imprevisto e a adaptação, exigidos sobretudo no contexto da internet, espaço em que o jornalismo é, em muitos casos, superficial, apressado e trivial.

Iniciativas que produzam conteúdo jornalístico diferenciado são essenciais para enriquecer o repertório do público – o que não significa que não sofram com o fluxo do tempo na contemporaneidade. Sobre a interferência causada pela web no processo produtivo, Bonsanti afirma que ocorre, apesar de a *Trivela* não ser um site propriamente noticioso, não consegue “escapar completamente do [conteúdo] quente<sup>8</sup> porque, pelo instinto jornalístico dos membros da equipe, queremos aproveitar o momento, entrar na discussão que está rolando, e é um dos grandes desafios conseguir equilibrar esse *timing* com a qualidade do material”.

Para Lobo, para que isso se sustente, é fundamental trazer abordagens interessantes. Também é sintoma de que “muita gente sabe da informação antes de entrar no nosso site e vem até nós para se aprofundar”. Stein segue a concepção de Bonsanti quando alega que o fato de o site não ter foco noticioso colabora, e faz com que seja possível ter “um pouco mais de tempo para trabalhar o conteúdo – ainda que não seja

---

<sup>8</sup> Atual, factual.

muitas vezes o ideal”. Neste sentido, para Stein, a potencialidade da internet se revela por meio da forma com a qual é utilizada: “apesar das necessidades provocadas pelo imediatismo, devemos pensar que um texto publicado pode durar muito tempo no ar e servir de fonte de informação em outros momentos. De certa maneira, a *Trivela* balança isso”, acredita.

Considerando que as decisões se dão em equipe e, em muitas situações, são feitas por quem está escrevendo, é natural que exista também a escolha de determinados enfoques e formas de conduzir a narrativa – também pensando que há, entre aspas, um *estilo* específico da *Trivela*. Assim, questionados sobre o que representa o uso de recursos do jornalismo literário no “traço final” das reportagens, os repórteres tratam esta perspectiva como uma vertente, um caminho possível, ideal. Ideal porque, como lembra Lobo, a redação entende que seria importante que todos os textos do site tivessem o esmero com as técnicas literárias, mas reconhece que nem sempre é possível, devido à pressão do dia a dia, que impede a produção de um texto tão trabalhado quanto se gostaria. O nível de qualidade a ser mantido, contudo, deve seguir um padrão: “Nós consideramos a forma também importante e achamos que é preciso ter um bom texto, que siga o manual básico de jornalismo, com informação e precisão, mas que também seja agradável a quem lê”, pontua. O cuidado no tratamento das matérias especiais se faz de forma diferenciada, para Lobo: “é fundamental termos um texto que torne a leitura um passeio por informação, conhecimento e diversão”. Para ele, se o jornalismo esportivo tem muito de entretenimento, não significa que precise “ser raso. Como muitos lugares já fazem, acreditamos que entretenimento pode ter profundidade e qualidade”.

A depender da ocasião, como relata Bonsanti, o uso de uma narrativa mais aprimorada é uma vertente seguida pela *Trivela*. “Textos com mais fôlego, como reportagens longas ou obituários, permitem que se faça o uso de recursos literários, mas, como somos mais jornalistas que escritores, nem sempre esses recursos estão disponíveis. Vai mais da inspiração”, diz. Desta forma, como fala Stein, este é um dos caminhos para que se apresente o conteúdo de forma diferente, que agregue ao leitor algo além da informação – um diferencial, deste ponto de vista, da *Trivela*. Stein analisa que não sabe se a equipe faz isso da melhor maneira, sendo necessário que tenham mais tempo para trabalhar os textos para que se chegue à forma “ideal”. Ele assinala que “muitas coisas

acabam saindo no ‘automático’ por causa do excesso de trabalho. Vai muito do momento e do gosto do leitor. Por serem poucos veículos que produzem textos assim, acho que atendemos uma demanda, mas não tão bem quanto poderia”. Esse ponto de vista de Stein se estende à reflexão sobre a *Trivela* a respeito da crônica esportiva no site. Diante de um jornalismo esportivo que, em muitas situações, faz o “mais do mesmo”, acredita que *Trivela* faz crônicas, ainda que sem a mesma velocidade ou capacidade de produção que outros veículos, porque a opção é a de priorizar os detalhes.

É uma maneira de ir além dos fatos e atrair os leitores, mesmo os que já viram aquele jogo ou que já leram sobre ele. Jornalisticamente é o ideal? Nem sempre, porque o jornalismo se faz principalmente com reportagens, e não temos muita capacidade a isso. [...] Dentro das nossas possibilidades, está trazer o conteúdo com um olhar distinto – seja com informações destrinchadas, uma visão mais lúdica sobre tal assunto ou mais opinativa.

Para ele, há muitas reportagens de qualidade em grandes portais – como Globoesporte.com do UOL. Há, então, um problema estrutural, para Lobo: na *Trivela* se faz crônica, mas se produz menos conteúdo com mais qualidade, além da uniformidade enquanto site e da liberdade editorial, já que, dos quatro membros da redação, três (os entrevistados) são sócios. “O problema é que às vezes as boas matérias ficam enterradas em uma quantidade imensa de conteúdo que não acrescenta muito”.

Essa compreensão é vista por Stein, que percebe na *Trivela* um cuidado maior e na reflexão sobre o que se publica. “Podemos dar um toque um pouco diferente. Acho que muitos lugares produzem ótimos conteúdos, mas talvez de maneira não tão visível quanto a *Trivela*, que expõe isso um pouco melhor por ter menos textos”, entende. Já Bonsanti argumenta que, pelo fato de *Trivela* não ser propriamente um site noticioso desde 2013, embora não tenha deixado completamente de lado os conteúdos factuais, é possível ter “um pouco mais de liberdade para apresentar as histórias aos nossos leitores com mais profundidade, esperar certos desdobramentos antes de fazer análises, baseá-los com uma boa pesquisa”. Essa preocupação com o público leitor se refletiu na forma de sustentação da *Trivela* na internet. Desde o fim de 2019 existe uma campanha de financiamento coletivo por meio da plataforma *Apoie-se*, ainda que o site não se mantenha totalmente com aqueles recursos – que foram além da expectativa. A intenção é chegar à Copa de 2022 e ir além, pensando mês a mês, segundo os entrevistados.

Sobre a relação, neste caso, dos jornalistas da *Trivela* com o que Eduardo Galeano (2014) chama de religião sem ateus, o futebol? Bonsanti é direto, enfático: “É minha vida, há pelo menos 15 anos. Minha profissão há dez. É tudo”. Para Lobo, é uma “paixão enorme”, mesmo em um cenário difícil, com muito trabalho e pouco retorno financeiro, onde se sobrevive “mesmo navegando em um bote e concorrendo com transatlânticos em meio a tempestades”. Na finalização desta navegação, como conceitua Stein, “o gosto maior não é pelo futebol em si, é pelo que o futebol transmite. O mais bacana é ser um meio para isso, entre o jogo e suas histórias até os leitores, passando um pouco da emoção que se vive de um lado a outro”.

As entrevistas permitem integrar a visão de jogo dos jornalistas sobre o trabalho desenvolvido na *Trivela*, para compreender o processo de produção jornalística e o uso de recursos literários e, por consequência, uma alternativa à atuação do jornalista esportivo na contemporaneidade. Assim, refletir sobre a prática profissional pode nos levar a outro modelo – que analise, interprete, aprofunde, enfim: conte histórias – de jornalismo esportivo de qualidade, usando recursos literários como a crônica para ilustrar, contextualizar, humanizar e evidenciar as histórias, sobretudo do futebol.

## Referências

- BELTRÃO, L. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BONSANTI, B. **Entrevista I**. [mar. 2020]. Entrevistador: Luiz Henrique Zart. Ponte Alta/São Paulo: s/ Editora, e-mail/online.
- BORGES, R. **Jornalismo Literário: análise do discurso**. V. 7. Florianópolis: Insular, 2013.
- COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto, 2003. 120p.
- FRANGE, M. B. S. N. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. Curitiba: Appris, 2016.
- GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.
- LOBO, F. **Entrevista II**. [mar. 2020]. Entrevistador: Luiz Henrique Zart. Ponte Alta/São Paulo: s/ Editora, e-mail/online.
- MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. c. 4.

PASOLINI, Pier Paolo. **O gol fatal**. 1971. Disponível em:  
<[http://www.italiaoggi.com.br/not01\\_0305/ital\\_not20050306a.htm](http://www.italiaoggi.com.br/not01_0305/ital_not20050306a.htm)>. Acesso  
em: 18 de fevereiro de 2020.

PASSOS, M. Y. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. *In*: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

SILVA, F. A. P. **Estudos para o desenvolvimento de um conceito de futebol alternativo como base para a revista especializada Série Z**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Faculdade Maringá, Maringá, 2015. Disponível em:  
<[https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Silva\\_TCC\\_-\\_Serie\\_Z.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Silva_TCC_-_Serie_Z.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SILVA, M. R. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1997. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOBRE a Trivela. *In*: **Trivela**, s/d., online. Disponível em: <<https://trivela.com.br/sobre/>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

STEIN, L. **Entrevista III**. [mar. 2020]. Entrevistador: Luiz Henrique Zart. Ponte Alta/São Paulo: s/ Editora, e-mail/online.

VIANA, R. **A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira**. São Paulo: Summus, 2013.

VILAS BOAS, S. (org.). **Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. (Formação e Informação).

WISNIK, J. M. S. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.